O DÉRBI MAIOR QUE TODOS

Amigos benfiquistas e sportinguistas, quais peregrinos, visitam locais marcantes nas histórias de Benfica e Sporting. Envolve estátuas, farmácias, bicicletas e um jardim zoológico.

«Saber ser supersticioso ainda é uma das artes que, realizadas a auge, marcam o homem superior»

— Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

Rui acordou. Foi à janela e gostou do que viu. O dia amanhecia radioso, o Sol levantava-se promissor e, apesar de morar no coração da cidade, ouvia, no parque das traseiras, o trinado dos melros que disputavam aos pombos as migalhas perdidas por baixo das mesas, na esplanada do quiosque.

A ocasião pedia grandes decisões. Os tempos exigiam que cada um estivesse à altura das circunstâncias e Rui, economista numa multinacional com escritório em Lisboa, profissional de mão-cheia com passagem pela London School of Economics e Wharton, estava mais do que disposto a cumprir a sua parte pela causa benfiquista.

Foi com um sorriso que lembrou o vate e declamou, na solidão da cozinha, enquanto a casa dormia e a mulher e os filhos não o tentavam devolver à realidade mundana, «valores mais altos se alevantam».

*

Alexandre, Manuel, Hilário e Vítor conheceram-se no Liceu Dona Filipa de Lencastre, nos últimos anos do século XX, e por lá ficaram até aos primeiros do século XXI. Uma paixão desde logo os uniu, o Sporting Clube de Portugal, que faziam questão de representar nas peladas jogadas no topo do edifício. «Lagartixas», chamavam-lhes, depreciativamente, os colegas

benfiquistas, a quem devolviam o insulto com um desdenhoso «lampiões». Desde muito novos começaram a ir ao velho Estádio de Alvalade, que não ficava longe da sua área de residência, é aí tiveram algumas desilusões e muitas alegrias, que lhes deram uma sensação tribal de pertença, mas que, ao mesmo tempo, lhes temperaram o caráter sob o signo da resiliência. Esse sentimento verde e branco solidificou-se ao longo dos anos. Ainda jovens liceais celebraram os títulos de 2000 e 2002, e depois a vida seguiu o seu curso, as rotinas alteraram-se, chegaram as obrigações profissionais e familiares, mas nada beliscou a lealdade ao Sporting. E mais: mantiveram-se sempre juntos a ver os jogos, quatro cadeiras seguidas no anfiteatro verde e branco. Foi-se institucionalizando, entre eles, uma tertúlia leonina, a que gostavam de chamar «Lencastres», cheia de superstições e reptos, que levavam muito a sério. Com isso, procuravam ajudar o seu clube a chegar mais longe, invocando energias positivas que pudessem dar maior paz de espírito, dentro das quatro linhas, aos seus heróis.

*

Naquele sábado de maio tinha lugar, a meia dúzia de quilómetros do apartamento de Rui, o jogo que valia o campeonato, um dérbi dos dérbies que marcava a vida do país desportivo, económico, social e político desde 1 de dezembro de 1907.

Desta vez, o clube do coração de Rui precisava de empatar para chegar à vitória na prova, enquanto o rival histórico, que tinha a seu favor o fator casa, necessitava de somar os três pontos, o que tornava a equação ainda mais complicada. Não lhe faltava fé, porém, e, estando a família noutro patamar, estava mais do que disposto a ajudar o seu amor mais importante das coisas menos importantes da vida — como dizia o técnico italiano Arrigo Sacchi —, a festejar, sob o leão do Marquês, na praça mais emblemática da cidade.

A mulher, advogada numa seguradora, estava avisada para o que a esperava nesse sábado. Sabia que era dia para que os filhos, de dois e quatro anos, optassem, mais do que pelo *low profile*, pelo *no profile*. É evidente que tão grande concessão teria de ser paga por Rui nos dias seguintes, mas esta idiossincrasia do economista fazia parte dos equilíbrios do casal, e Joana sabia que não valeria a pena contrariá-lo.

*

Num dia tão especial, em que se jogava o título nacional num dérbi marcado para Alvalade na última jornada do campeonato, era por demais evidente que os «strompinhos», quatro leões de juba alta, não podiam ficar indiferentes ao que acontecia à sua volta, e trataram de, à sua maneira, criar condições para que o seu clube pudesse ganhar, e tivessem direito a estar no Marquês de Pombal na noite da festa.

Assim, às 8h30 em ponto do dia do grande jogo, Manuel, Alexandre, Hilário e Vítor encontraram-se em frente à Churrasqueira do Campo Grande, a dois passos do Estádio de Alvalade, e apanharam a A8, rumo a Torres Vedras, onde cumpririam a primeira etapa deste seu périplo, que só terminaria no interior do recinto.

*

Rui, cantava o cuco da sala oito da manhã, foi ao computador e digitou 28 de abril de 1991. Nesse dia — acabara de fazer 11 anos — o seu clube garantira o título nacional com uma vitória nas Antas, por 2-0, com golos do mítico serrano César Brito, um futebolista puro como as águas que brotam da sua Estrela natal.

No diário que então mantinha, mais tarde digitalizado, Rui registara o que tinha comido ao pequeno-almoço naquele dia de grande felicidade: *Corn Flakes* ensopados num *UCAL* de chocolate. Quase três décadas volvidas, a *overdose* de chocolate era uma provação, contudo a causa era nobre e, mais tarde, sempre camuflaria aquele sabor adocicado com um expresso duplo, retemperador.

O primeiro de vários passos que ajudariam a fazer a águia voar mais alto estava dado. E foi a correr que, antes mesmo do duche e da barba, lavou os dentes para tirar, tanto quanto possível, o sabor do chocolate e dos flocos da equação.

*

A tertúlia leonina foi de viagem no carro de Alexandre, um arquiteto que tinha comprado um *Audi Q5*, automóvel topo de gama, verde-seco (tinha de ser verde; e desde os *Volkswagens 1300* não houve muitas marcas a apostar no verde). Manuel, que era economista na banca de investimento, Hilário, dono de uma empresa de informática, e Vítor, professor no secundário, mas que tinha uma vida folgada, graças a muito dinheiro herdado da família, partiram então ao encontro do primeiro desafio que tinham nesse dia.

*

O passo seguinte de Rui foi dado sem recuso ao *iPad*. Sabia exatamente o que devia vestir, uma combinação de elementos cuidadosamente estudada, encontrada nos recantos da memória reservados a momentos marcantes da sua vida.

Juntou, sem hesitação, sapatos pretos como os que calçara a 14 de maio de 1994, na vitória por seis a três em Alvalade; meias pretas, com um vivo vermelho, como as que usara a 13 de maio de 2017 nos cinco a zero ao Vitória de Guimarães, no jogo do tetra; cuecas azul-bebé, tal e qual as que escolhera para ver o triunfo sobre o Nacional de Montevideu, na inauguração do novo Estádio da Luz, a 25 de outubro de 2003; as mesmas calças cinzentas que vestira na noite mágica da vitória frente à Juventus, a 24 de abril de 2014, que abriu portas à final de Turim; a camisola do glorioso, assinada pelo Nuno Gomes, na época do título de 2005, com Trapattoni; e, não fosse arrefecer ao fim da noite, a parca creme que herdou do pai e que testemunhou, a 24 de fevereiro de 1965, os cinco a um ao Real Madrid, numa das mais belas jornadas da carreira extraordinária de Eusébio da Silva Ferreira.

*

Faltava um quarto para as dez quando a primeira paragem do *Q5* ocorreu em Torres Vedras, na Avenida Carlos Lopes, (campeoníssimo pelo Sporting, que subiu ao degrau mais alto do pódio olímpico), alguém que sempre representou o ecletismo que está no ADN de Alvalade. Foi por aí que começou a volta leonina destes quatro amigos.

Na Avenida Carlos Lopes, em Torres Vedras — e por vezes Carlos Lopes, a morar ali perto, encontrava-se com eles, embora desta feita não lhe tivesse sido possível —, deixaram, junto à placa toponímica com o nome do fundista de Vildemoinhos, três tulipas, uma verde, outra amarela e outra vermelha, cores que estão, simultaneamente, nas bandeiras de Portugal e de Los Angeles, onde Lopes ganhou o ouro na maratona dos Jogos Olímpicos de 1984. Uma das figuras incontornáveis da história do Sporting estava devidamente homenageada, mas o dia ainda começava. A próxima paragem distava 13 km da Avenida Carlos Lopes.

*

Pouco passava das dez da manhã, e Rui, que morava nas Avenidas Novas, estava pronto a encetar um passeio que antecipara com prazer, após se despedir da mulher e dos filhos.

Mal saiu de casa, usando transportes públicos e um ou outro TVDE, dirigiu-se a Sete Rios, onde o seu clube teve campo de jogos, no princípio do século XX, entre 1913 e 1917. Aí, perto do *stand* da Mercedes, deixou uma rosa vermelha; subiu a seguir às Amoreiras, palco de enormes momentos da religião da águia, e à porta do Liceu Francês, onde antes estivera o estádio encarnado, depositou cravos vermelhos, um por cada campeonato ganho, homenageando os campeões, com uma citação de Eusébio: «Nunca fui capaz de dizer não ao Benfica.» Das Amoreiras regressou a Sete Rios, entrou no Jardim Zoológico, majestosa e secular exposição de animais, colocou o cachecol do *colinho*, dirigiu-se ao espaço dedicado às aves de rapina e fixou no telemóvel a imagem de uma soberba águia, para mais tarde usar.

Já cansado, rumou a Benfica, e, em frente à igreja, por trás do prédio onde esteve a pastelaria Paraíso, deixou, no local do primeiro campo do clube, após passar a Sport Lisboa e Benfica, na antiga Quinta da Feteira, uma fotografia da equipa bicampeã da Europa.

O relógio marcava meio-dia e meia hora, e parte da tarefa estava cumprida.

Rui aconchegou o estômago na Brilhante e, já de pés doridos, apanhou o autocarro para Sete Rios, onde se meteu no metro para o Cais do Sodré. Esperou pelo elétrico e rumou à zona ocidental da capital. A missão não seria cumprida sem uma visita ao local onde um dia funcionou a Farmácia Franco, no número 22 da Rua de Belém. Aí colocou, num banco de jardim a dois passos, uma fotografia de Cosme Damião.

*

Os Lencastres meteram-se no *Q5* e só pararam no Cemitério de Silveira, para uma romagem à campa de Joaquim Agostinho, outra das grandes bandeiras do Sporting, o melhor ciclista português de todos os tempos. Por lá depositaram uma dúzia de rosas amarelas, da cor da camisola que o ciclista leonino envergava em Quarteira, no dia em que teve o acidente fatal, em 1984, quando um cão se atravessou à frente da sua bicicleta. Agostinho foi ao chão, não tinha capacete de proteção, apenas um boné, bateu com a cabeça no asfalto e, como no Algarve não havia meios que o socorressem, teve de ser evacuado para Lisboa, onde chegou com danos cerebrais irreversíveis. Este fim dramático deu mais força à lenda de Agostinho, e a dúzia de rosas amarelas depositadas na sua campa foi uma forma destes quatro leões dados a rituais dizerem que no Sporting havia vida, até na morte, para além do futebol.

Mas o dia ainda ia a meio e, de Silveira, o *Audi Q5* verde rumou novamente a Lisboa, onde a tertúlia do Filipa foi almoçar a um restaurante conhecido por ser ponto de encontro de sportinguistas, a Tasquinha do Lagarto — e o nome diz tudo —, em Campolide, numa mesa previamente marcada, porque o sábado é sempre dia de cozido à portuguesa, sinónimo de casa cheia.

Findo o repasto, os quatro amigos dedicaram-se às diferentes missões que cada um tinha de desempenhar.

*

Eram três da tarde e Rui dirigiu-se ao Centro Cultural de Belém, aproveitando para, ao mesmo tempo que admirava a arte moderna exposta, meditar sobre a importância que o Benfica tinha na sua vida e nos seus equilíbrios mais irracionais.

Muitas vezes, Rui dava consigo a pensar que, na verdade, com uma vida familiar estável, onde o dinheiro não era problema por aí além, deveria poder passar sem o clube do coração.

Este debate interno foi sempre resolvido da mesma forma, com o economista a aceitar que, embora do ponto de vista racional não precisasse do Benfica para nada, a sua existência não seria suficientemente preenchida sem o envolvimento que tinha com o clube.

Rui reconhecia que tinha levado a superstição a níveis quase patológicos, mas, invariavelmente, acabava numa síntese que lhe lembrava que antes aquela maluquice inofensiva do que outra coisa pior. E saber que havia outros como ele dava-lhe alento...

*

Alexandre deu boleia a Hilário, que deixou perto do El Corte Inglés, e foi, sem demoras, estacionar o carro no parque subterrâneo do Estádio de Alvalade, de onde seguiu a pé até à rua José Travassos, paredes-meias com todos os estádios onde o Sporting jogou, do sítio das Mouras ao Stadium de Lisboa e, a seguir, ao velho Alvalade; e, agora, ao novo Alvalade. Aí, cumpriu a missão que lhe estava destinada: discretamente, colou, na placa com o nome do Zé da Europa, cinco réplicas de selos italianos, comemorativos do centenário de Antonio Stradivari, em honra dos cinco violinos que fizeram história nas duas épocas em que coincidiram no Sporting; Peyroteo, Travassos, Jesus Correia, Albano e Vasques. Dali foi para o ponto de encontro combinado com os amigos, que, ao

mesmo tempo, homenageava o símbolo do clube e um dos melhores presidentes da sua história.

*

Às quatro da tarde, como combinado, os Farmacêuticos, como gostavam de ser conhecidos, juntaram-se nos pastéis de Belém, numa mesa vivamente disputada com um grupo de turistas italianos de pés doridos, que procuravam descanso enquanto apreciavam o manjar conventual, digno dos deuses, que é ex-líbris de Lisboa.

Amigos de infância, do Bairro de Santa Cruz, onde cresceram, a meia hora a pé da Catedral, cedo criaram o hábito de ir ao velho Estádio da Luz, onde eram clientes assíduos do Terceiro Anel. A vida levou-os por caminhos diferentes, mas a bússola comum apontou sempre na mesma direção, e a criação desta confraria Os Farmacêuticos foi a forma de tornar especial a paixão pelo Benfica, mantendo-se fiéis ao lema *E Pluribus Unum*...

*

Manuel, com o cachecol verde e branco ao pescoço, foi a pé da Tasquinha do Lagarto ao Zoo de Lisboa, uma viagem curta que o ajudou a fazer a digestão. Ia visando pendurar um pequeno galhardete do Sporting junto ao muro que dá para o Solar dos Leões, lugar emblemático do Parque de Sete Rios. Não ligou às duas imponentes águias em pedra, que dão as boas-vindas a quem demanda o Zoo, e cumprimentou o porteiro, que já tinha visto Rui, à Benfica, de manhã e pensou: «Isto hoje está cheio de maluquinhos da bola.» No interior, foi direito aos reis da selva e, discretamente, encostou o galhardete ao muro, escondendo-o o melhor possível, para que ali permanecesse pelo menos até à hora do dérbi.

Cumprida esta missão, apanhou um táxi para o Campo Grande e, às quatro da tarde, estava em frente à estátua do leão, junto ao pavilhão João Rocha.

*

A hora do jogo estava cada vez mais perto e era tempo de ser feito um ponto da situação, o momento da verdade em que ia saber-se se estavam reunidas condições para a vitória que abriria as portas do título.

Rui, com uma pontinha de orgulho mal disfarçado, contou as suas aventuras, de Sete Rios ao 22 da rua de Belém, e acabou a mostrar a foto da águia-real que tirara no zoo. Os outros três convivas acenaram afirmativamente e bateram-lhe, com respeito, nas costas.

Foi então a vez de Filipe, médico pediatra, revelar que, após ter saído de casa, à Lapa, se metera a caminho, calcorreando até ao Panteão Nacional, onde depositara, junto ao túmulo de Eusébio, um ramo com 72 rosas, uma por cada ano do King na sua vida terrena. Os Farmacêuticos olharam-no com admiração e disseram «missão cumprida.»

Toni, dono de um café na Venda Nova, também estava feliz com o que tinha realizado: equipado a rigor, com uma camisola da década de sessenta que Mário Coluna oferecera ao tio, oriundo de Lourenço Marques, fez a ligação entre a sede histórica da Gomes Pereira e a secretaria-geral do Jardim do Regedor: «Quase três horas de bendito sacrifício que os meus 120 quilos aguentaram», disse.

Faltava José Augusto, o quarto dos Farmacêuticos, padre por vocação, que fazia questão de nunca misturar as coisas. E gostava de citar o selecionador nacional campeão da Europa, Fernando Santos: «Em Deus, tenho Fé; no futebol, é mais fezada...»

A missão que o padre José Augusto se propusera realizar não era das mais fáceis. Comprou pão e fruta e passou a manhã a distribuí-los pelos desvalidos da Baixa lisboeta, das traseiras da estação do Rossio ao Largo do Chiado, do Terreiro do Paço às portas de Alfama. Também ele chegou ao encontro nos Pastéis de Belém com a certeza de que tinha feito a sua parte, e, em simultâneo, conseguira aliviar um pouco o fardo de algumas existências desvalidas.

*

Vítor saiu da Tasquinha do Lagarto, e esperou pelo TVDE que, entretanto, chamara. O destino era a Rua do Passadiço, onde, entre 1947 e 1971, funcionou a sede do Sporting, período que coincidiu com o tetra e com a conquista da Taça das Taças. Fora a melhor fase da história do Sporting, do ponto de vista desportivo, sendo aquela a mais emblemática de todas as sedes do clube de José Alvalade, onde estava o leão em louça, que depois passou para a porta 10A, no antigo estádio de Alvalade, e que agora está no átrio do novo. O prédio onde essa sede da Rua do Passadiço se situava tinha sido a antiga casa-forte do Clube Alemão, que seria expropriado, depois da vitória dos Aliados, na Segunda Guerra Mundial. Era agora a escola pública Luísa Ducla Soares. O número 86 da Rua do Passadiço não podia, pois, ficar à parte deste *tour* leonino dos quatro amigos, em dia de jogo do título com o eterno rival. A tarefa que esperava Vítor era simples, mas não deixava de estar carregada de simbolismo: colocar um autocolante com o emblema leo-

nino na placa da Câmara Municipal de Lisboa, junto à porta principal do edifício. Cumprido o serviço, desceu a Rua das Pretas, apanhou o metro na Avenida da Liberdade e, após mudar de composição na Baixa-Chiado, rumou ao Campo Grande. À hora certa, estava junto aos amigos, na rotunda Visconde de Alvalade, onde está instalada a estátua do leão.

*

Quatro cafés e oito pastéis depois, lá pelas cinco da tarde, a três horas do *kick-off*, depois de uma animada charla sobre quem devia jogar, os Farmacêuticos meteram-se a caminho, para executar o ato final: apanharam um TVDE para o Estádio da Luz, apreciaram um minuto de recolhimento junto à estátua de Eusébio, entraram na porta 18 e curvaram-se perante o busto de Miki Fehér, agradeceram a Guttmann, eternizado em bronze, por Berna e Amesterdão, e rumaram ao Museu Cosme Damião, pai espiritual do Sport Lisboa e Benfica. Aí, faltava cumprir o rito dos ritos, momento em que dariam por terminada a contribuição para a causa encarnada.

*

Hilário aproveitou a boleia de Alexandre, saiu do *Audi A5*, na parte de cima do Parque Eduardo VII, e foi procurar um poiso onde tivesse vista privilegiada, embora de costas, para a estátua do Marquês de Pombal, que seria testemunha da festa do título que teria lugar nessa noite, depois do dérbi. Se verde, se encarnada, era uma incógnita. Mal encontrou o lugar perfeito, sentou-se e cronometrou um minuto por cada título nacional do Sporting — e não queria saber se a Federação Portuguesa de Futebol e o resto do mundo diziam que eram menos…

Quando o tempo chegou ao fim, desceu o parque e passou para o lado da Avenida da Liberdade. Sentou-se num banco que lhe dava vista, de frente, para o Marquês, e marcou no relógio cinco minutos, tantos quantos os violinos, que passou sem tirar os olhos do leão, companheiro de Sebastião José de Carvalho e Melo. Tarefa cumprida, apanhou um táxi e foi juntar-se aos amigos na rotunda do Visconde de Alvalade.

*

Foi em frente às duas Taças dos Campeões Europeus que os quatro benfiquistas declamaram, a uma só voz, o lema dos Farmacêuticos: «Mais importante do

que o Benfica pode fazer por nós, é aquilo que nós podemos fazer pelo Benfica. Estamos aqui para servir. E não para sermos servidos...»

Cumprido o ritual, meteram-se a pé até ao Campo Grande, casa do grande rival, que, entre a expropriação do Estádio das Amoreiras e a inauguração do Estádio da Luz, também acolheu, na Estância de Madeira, o Benfica.

Chegados às imediações do Estádio de Alvalade, projetado pelo benfiquista Tomás Taveira, fizeram os últimos metros em silêncio, qual calmaria que antecede a tempestade. Indiferentes ao frenesim dos adeptos, aos cânticos das claques e ao corrupio de agentes da autoridade preocupados em manter as águas separadas, passaram os torniquetes, subiram a escadaria, e desembocaram no interior do anfiteatro onde seria decidido o Campeonato Nacional.

Sentaram-se e, com a consciência tranquila, de quem fizera a sua parte, esperaram pelo apito inicial...

*

Alexandre, Hilário, Vítor e Manuel, antes de se dirigirem ao estádio do Sporting, felicitaram-se junto à estátua do leão mandado construir por Sousa Cintra. Um leão que andou de bolandas entre os terrenos fronteiros à porta 1 do antigo estádio e a Academia de Alcochete, até se fixar na rotunda com o nome Visconde de Alvalade, financiador do sonho do neto, José de Alvalade, que afirmara por altura da fundação do clube, em 1906: «Queremos que o Sporting seja um grande clube, tão grande quanto os maiores da Europa.»

Por tudo o que tinham realizado ao longo do dia, os amigos fizeram uma vénia na direção do Pavilhão João Rocha, o presidente visionário, que o 25 de abril de 1974 apanhou (e impossibilitou) em pleno desenvolvimento da Sociedade de Construções e Planeamento (SCP), e que 30 anos antes de José Roquette já tivera uma visão de suporte empresarial para o clube, capaz de o colocar um passo à frente de todos os outros. Alexandre, Hilário, Vítor e Manuel prepararam-se para as emoções fortes que iam sentir em hora e meia de dérbi que valia um título. Mas os Lencastres tinham uma certeza: campeões ou não, na época seguinte lá estariam, a apoiar o clube das suas vidas…

*

Mal o árbitro apitou para o final do jogo, centenas de milhares de adeptos dos novos campeões começaram a confluir para o Marquês de Pombal, bandeiras ao alto, cachecóis no pescoço, vozes embargadas, e lágrimas de felicidade no

rosto. Mais tarde, para oferecer uma receção condigna aos seus heróis, quem teve o privilégio de estar nessa noite em Alvalade e de lá saiu a sorrir, também se dirigiu ao Marquês, onde a animação musical criava um ambiente frenético. Quando o trio elétrico com a equipa chegou, o fogo de artifício começou a ser lançado do alto do Parque Eduardo VII, dando ao cenário uma envolvente psicadélica, e reforçando a sensação de pertença à tribo, dos vencedores, perfeitamente em transe.

Mais uma vez, como disse Napoleão Bonaparte, a vitória tinha mil pais e a derrota ficava órfã…

«A vitória de uma das equipas confere aos adeptos desta uma melhoria psicológica e uma elevação da sua posição social face aos adeptos da equipa adversária derrotada.»

— Desmond Morris, em *A Tribo do Futebol*

A CABRA E O PENÁLTI

As aventuras da cabra Bonita *e do guarda-redes João Vai-Buscá-la, que nos ajudam a perceber a verdadeira, e tantas vezes desconsiderada, importância das redes nas balizas*

William McCrum, herdeiro de uma florescente indústria de linhos, gostava das coisas boas da vida e tinha uma especial paixão pela competição, fosse no críquete, no xadrez ou na invenção mais recente, o futebol.

Nascido na Irlanda do Norte, em 1865, McCrum dedicou-se à arte de guarda-redes, melhor dizendo, de *goalkeeper*, já que nos tempos em que defendeu as cores do Milford Football Club as balizas, que começaram por ter apenas postes laterais, já tinham travessão, mas ainda não tinham redes. Foi preciso esperar até 1889 para que um engenheiro civil de Liverpool, John Alexander Broadie, inventasse as redes e assim colocasse fim a intermináveis discussões sobre se a bola tinha, ou não, entrado na baliza.

McCrum, menino mimado a quem tratavam por *master* William, sempre preferiu a diversão e as viagens ao trabalho, daí que, antes de morrer em 1932, tenha levado à falência uma das fábricas da família. Seria graças a ele, porém, que o nome dos McCrum, de Armagh, pequena localidade a 70 quilómetros de Belfast, entraria na história.

William McCrum, aos 25 anos, *goalkeeper* de sucesso limitado no Milford FC, lembrou-se de uma coisa em que mais ninguém tinha pensado para dar mais justiça aos jogos de futebol: o penálti. Fez a proposta, através da Federação de Futebol da Irlanda, ao International Board que, um ano mais tarde, a aprovou. Nascia assim a lenda dos onze metros…

*

Desconhecendo, em absoluto, a razão profunda por que esperava na baliza que o adversário batesse o pontapé da marca da grande penalidade, João Bago de Uva, tratado por todos lá na terra por João Vai-Buscá-la, guarda-redes do Alentejano FC, sentia o peso da responsabilidade. Se defendesse a bola, era certo e sabido que tinha minis à borla para o resto da semana no café do Mata Bicho, além de vida mais folgada no emprego de contínuo na junta de freguesia. Onze metros o separavam, também, dos favores da namorada, que estava na bancada, abrigada do sol, a ver o prélio com o resto da família.

O jogo estava a acabar e as coisas tinham corrido de feição ao Alentejano, até que o Tó da Chica, que era bruto como as casas, deu um porradão no extremo-direito do Atlético do Chaparro, o rapidíssimo Toino Já-l**á**-Vai. O árbitro, Joaquim Morcela, que ia ocasionalmente a Vila Nova do Alentejo, a negócios — tinha uma carrinha de peixe mais ou menos fresco, dependia dos dias —, ainda hesitou, mas não apontar para o castigo máximo pareceu-lhe demasiada ousadia, pois nunca se sabia se ainda precisaria de ir, num daqueles dias, vender chicharro ao Chaparro.

Capitão do Alentejano, Manel Duas Sombras, que tinha uma tasca e às vezes comprava peixe ao árbitro, ainda protestou.

— Ó Cação — disse, usando-lhe a alcunha —, não viste que o gaiato não partiu nada, está pronto para outra? Há alguma necessidade de marcares o penálti? Assim vais mas é vender peixe para outra freguesia…

O peixeiro, porém, mostrou-se inflexível:

— **É** penálti e não há mais conversa! Se não quiseres peixe fresco, o problema é teu. Haverá quem queira!

Joaquim Morcela dispensava bem aqueles apertos em que andava sempre metido por causa da arbitragem, mas era um vício que não conseguia largar apesar das ameaças da mulher.

Longe iam os tempos dos pioneiros em que o futebol tinha regras, mas não tinha árbitros, era tudo resolvido, com cavalheirismo, entre os jogadores. Morcela, que, fosse como fosse, gostava de história e era mais conhecedor do que o crédito que lhe davam nos campos, sabia que devia honrar uma tradição de árbitros que vinha do século XIX e que tinha em Francis Marindin o expoente máximo. Por isso, apesar de todas as provações — já lhe tinham esvaziado os pneus do carro, roubado a roupa e até, uma vez, em Perdizes do Alqueva, escrito na carrinha, com uma tinta danada para sair, «aqui só há peixe podre» — procurava ser justo e honesto. Sempre que podia, é claro…

Quando o Tó da Chica arrancou pela raiz o avançado do Chaparro, faltavam cinco minutos para acabar o jogo. A equipa da casa — que ganhava por um a zero graças a um golo do Zé Coça-nas-Virilhas, que tinha umas ovelhas que lhe serviam de sustento — precisava da vitória para andar fora de sobressaltos quanto à descida de divisão.

Já o Atlético do Chaparro, com um empate que fosse, continuava primeiro e podia subir à III Divisão, o que seria o mesmo que ganhar a Liga dos Campeões Europeus.

Quem pegou na bola, assumindo a responsabilidade de marcar o penálti, foi o Chico Mata Ratos, capitão da equipa, comandante dos bombeiros e dono da única pensão do Chaparro. Há muito que dissera adeus aos trinta anos, mas jogar à bola era um gosto de que não conseguia livrar-se. E como, com a posição que tinha na vila do Chaparro e no clube, não havia treinador que se arriscasse a deixá-lo de fora, ia jogando, ano após ano, até estar a poucos meses de soprar quarenta velas.

Quando colocou a bola no círculo de cal a onze metros da baliza, o Chico Mata Ratos não fazia a mínima ideia de quem tinha sido Billy Heath, do Wolverhampton, o primeiro jogador registado como marcador de um penálti na história do futebol, a 14 de setembro de 1891, no Estádio Molineaux.

Nem, na baliza, o João Vai-Buscá-la rogava as pragas que o *traidor* William McCrum, o *keeper* que inventou os *penalties*, merecia.

Chico Mata Ratos olhou para a baliza, olhou para a bola, respirou fundo, voltou a olhar para a baliza e sentiu um aperto no estômago que fez que lhe parecesse que o João Vai-Buscá-la tinha dois metros e meio.

Posicionado na linha de golo, o guarda-redes estava menos angustiado que o marcador. Defender o penálti transformá-lo-ia em herói da vila, mas, se deixasse entrar a bola, ninguém lhe levaria a mal. E, por falar nisso, ainda se lembrava bem do gozo que tivera de aguentar quando, em Vila das Lebres, a magana da bola se escapou por baixo das pernas. Durante semanas, cada vez que ia na rua havia sempre um engraçadinho que gritava: «Olha a lebre, olha a lebre», e nem lhe apetecia sair de casa.

Mas aquele penálti podia devolvê-lo à popularidade perdida e ficar bem visto em frente da Adozinda, que tinha ido à bola de propósito para o ver.

João Vai-Buscá-la, imitando o que via os grandes guarda-redes fazer na televisão, quando o Cação já tinha apitado e o Chico Mata Ratos ia iniciar a corrida, levantou o braço e dirigiu-se à bola, dizendo ao árbitro:

— Ó *chor* árbitro, veja lá se a bola não está a perder ar?

O Cação topou-lhe a manha e, antes de o Mata Ratos, enervado, protestar, respondeu-lhe à letra:

— Olha, com falta de ar deves estar tu! Toma lá um cartão amarelo a ver se respiras melhor. Se repetes a graça, vais para a rua!

João Vai-Buscá-la virou costas e regressou à baliza, satisfeito com o número que tinha feito, ia jurar que o Mata Ratos estava com cara de quem, se pudesse, pedia para ir à casa de banho.

Com a bola na marca dos onze metros, ao ouvir o apito do Cação, e com o Vai-Buscá-la em cima da linha de golo, Chico Mata Ratos fez uma corrida curta e, quando estava em cima do esférico, fechou os olhos e chutou com toda a força que tinha.

«Golo, golo», ouviu os companheiros gritarem. Quando abriu os olhos, foi abafado por um mar de abraços.

João Vai-Buscá-la, que também fechara os olhos quando se atirou para a direita, nem tinha visto a bola passar. Virou-se, desalentado, para o fundo da baliza, para apanhar a redondinha e a mandar para o meio-campo. Mas não viu bola nenhuma. O que se teria passado?

Virou-se para o árbitro e gritou:

— Foi fora, foi fora!

A primeira reação do Cação, apanhado desprevenido, foi dizer que tinha sido golo:

— Eu vi a bola entrar, é golo!

De repente, a equipa inteira do Alentejano estava a rodeá-lo, e a garantir que «o Mata Ratos chutou ao lado», que não valia, que era «pontapé de baliza».

No meio da maior confusão, que já metia metade da população de Vila Nova do Alentejo e os ocupantes do autocarro que transportou os adeptos do Atlético do Chaparro, Mata Ratos, que, de facto, por ter fechado os olhos, não tinha visto se a bola tinha ou não entrado, não era dos que mais protestavam, e isso foi determinante:

— Ó Cação, o Mata Ratos viu tudo e nem protesta, não foi golo.

O árbitro, que via a vida a andar para trás e tinha uma entrega de peixe marcada para Vila Nova na terça-feira seguinte, ainda fez menção de ir ver a rede da baliza, para perceber se estava furada. Mas não conseguiu. De cada vez que se aproximava, choviam pedras, e até um dos dois GNR presentes o aconselhou a recomeçar o jogo com pontapé de baliza.

A invenção de John Alexander Broadie, em 1889, pensada para acabar com as dúvidas, não se tinha mostrado eficaz em pleno Alentejo e, à falta de quem

fizesse prova de que tinha sido golo, o Cação não tinha remédio que não fosse dar o pontapé de baliza. E de certeza que não iam ser os pobres dos fiscais de linha, que estavam ali à mão de semear da assistência, que iam dizer-lhe o contrário.

O jogo recomeçou com o Alentejano em vantagem e poucos minutos depois o árbitro apitou para o fim.

Ao sair do campo, o Mata Ratos só ouvia os adeptos do Alentejano a gritar, na sua direção:

— Fura-redes, fura-redes, fura-redes!

Ficou então com a certeza de que tinha feito golo, mas não lhe valia de nada.

Quando chegava à cabina, ainda percebeu a conversa do João Vai-Buscá-la com a namorada, a Adozinda:

— Viste querida, como desviei a bola com os olhos? Fartei-me de treinar, estás a ver, e nem de penálti me marcaram golo.

E também captou o que o árbitro dizia ao Manel Duas Sombras:

— Então, para terça, o que é que faz falta? Queres que traga, além do cação para a sopa, uns carapauzinhos para fritar com açorda?

Mata Ratos encolheu os ombros e pensou: «Hás de ficar aí, um dia destes, empanado com a carroça do peixe. E, se ligares lá para o quartel, bem podes esperar sentado…»

Após todos terem ido à sua vida, espectadores, jogadores, treinadores, massagistas, roupeiros, árbitros, guardas republicanos e até um jornalista do *Notícias da Planície*, Tino Cabeça Gorda, que tomava conta do campo do Alentejano, acordou da sesta que tinha feito, aproveitando o jogo da bola no qual toda a gente, menos ele, andava interessada. Passara a manhã na horta que tinha mesmo atrás dos balneários, e isso, e ainda uma garrafa de vinho que o Manel Duas Sombras lhe trouxera da tasca, dera-lhe um sono que só matou à força de uma dormida retemperadora.

Era trabalho dele garantir que ficava tudo limpo, as casas de banho, o bar e os balneários; e ainda precisava de tirar as redes das balizas, para não se estragarem. Mas havia tempo, amanhã seria outro dia. Aproveitou para soltar a *Bonita*, uma cabra velha que o seguia como o mais fiel dos cães, há muitos anos, e que costumava pastar nas ervas que cresciam ao lado da bancada.

Ultimamente, o Tino Cabeça Gorda até tinha reparado que a magana da cabra, quando se apanhava à solta, ainda antes de ir para as ervas, ganhara o vício de ir para a baliza roer a rede.

Mas não havia de fazer mal…

O ÁRBITRO QUE CHEGOU AO TOPO

Chegar ao topo é uma coisa boa; a não ser que o topo seja
o de um prédio, e o único caminho seja para baixo, claro,
pois aí é realmente mais complicado

Na República da Rumélia, em plena península balcânica, a paixão pelos clubes, mais até do que a paixão pelo futebol, era elevada a níveis tribalistas, que faziam de qualquer constipação uma pneumonia. O desejo de afirmação de cada região, através do seu emblema, levava a que o sucesso e o insucesso dentro das quatro linhas fossem as únicas medidas conhecidas, sem meio-termo, com todos os perigos daí inerentes. Sem uma seleção nacional que conseguisse ser competitiva, a partir da fragmentação da potência que agregava, por razões ideológicas, uma série de nações que tardiamente recuperaram a independência e só então foram devolvidas à identidade primária, o campeonato de futebol da Rumélia era demasiadas vezes palco de excessos que minavam a segurança dos protagonistas e tornavam a função dos árbitros um permanente ato de coragem.

Para tentar introduzir alguma modernidade no processo, a Federação Rumeliana de Futebol socorreu-se do financiamento da UEFA para introduzir o videoárbitro na primeira divisão local, tendo como objetivo aliviar a carga, pesadíssima, que atrofiava as decisões dos juízes de campo, sujeitos, semana após semana, a inenarráveis condições de insegurança. Ser árbitro na República da Rumélia apenas trazia uma vantagem, relativamente à restante sociedade: tratava-se de uma atividade, há pouco profissionalizada, bem remunerada, e que ainda permitia aos árbitros mais destacados incursões quer noutros países balcânicos, quer nos campeonatos do Médio Oriente, o que acabava por compor-lhes bastante as contas bancárias.

*

No topo do edifício da SASS, uma das sociedades de advogados mais prestigiadas de Ultravejo, capital do país, aonde conseguira aceder através de uma porta de serviço mal fechada, Edin Sehic, 42 anos, árbitro internacional de futebol, contemplava a cidade, e via, de cima para baixo, a estátua do Zoran Milic, herói da guerra da independência, enquanto subia para o parapeito do edifício e sentia o vento que lhe batia na cara, a convidá-lo para um salto no abismo.

Estava só no cimo do prédio, e tinha tempo para tomar, ou não, uma decisão definitiva. Para garantir a privacidade que um momento tão solene justificava, confirmou que ninguém tinha reparado nele ao aceder ao topo, e só depois galgou os últimos degraus. Os advogados com quem estivera reunido, depois do ultimato que lhe tinham apresentado, pensavam que ele se tinha ido embora, e não lhes passara pela cabeça que, em vez de descer, tivesse subido. E lá de baixo, a sessenta metros, seria pouco provável que alguém olhasse para cima e descortinasse o drama que estava prestes a ocorrer.

Edin Sehic sentou-se no rebordo do prédio, com as pernas suspensas no ar e os pés a balouçar, meditando no que o levara àquele momento.

*

Precisamente dezassete dias antes, estava ele a acabar o treino no Estádio Universitário de Ultravejo, Haris Dedic, presidente do Colégio Arbitral, telefonara-lhe para o avisar antecipadamente de que ele iria receber uma convocatória para dirigir o jogo do título, entre o Dínamo e o Estrela. Era uma honra, um desafio e… um presente envenenado. Mas não podia recusar, por muito que não lhe apetecesse o choque mental a que iria estar sujeito.

Depois de vários anos a ser acompanhado por um psicólogo privado que o ajudara a lidar melhor com a pressão e, sobretudo, com o sentimento de culpa que emergia de cada vez que constatava que tinha cometido um erro grave num jogo, Edin Sehic sentira-se, nas últimas semanas, vacilar. Ao psicólogo da federação rumeliana, que acompanhava os árbitros, nunca dissera o que lhe ia na alma, contando-lhe apenas as coisas que pareciam certas, de maneira que dele ficasse a ideia de alguém praticamente blindado ao exterior. A verdade é que considerava seriamente regressar às sessões com o clínico em quem mais confiava, e também o mais discreto.

O ambiente entre os clubes que lutavam pelo título, o Dínamo e o Estrela, estava completamente degradado e os árbitros eram muitas vezes apanhados no fogo cruzado de acusações, danos colaterais de um faroeste com muitas balas a voar.

Num universo complicado, Edin Sehic considerava-se um homem honesto, nunca se deixara corromper com dinheiro. No entanto, na fase inicial da carreira tinha feito alguns fretes, para deixar bem-dispostos os dirigentes da arbitragem. Os tempos eram outros, e quem quisesse subir na carreira não podia hostilizar os mandachuvas que, sem escrutínio, tinham uma agenda paralela que em nada dignificava o futebol.

O problema para o árbitro do jogo do título, a última jornada mais escaldante da história do futebol balcânico, era que só um podia ser campeão, e o outro, fosse quem fosse, não iria gostar. E, naquelas alturas, normalmente sobrava sabe-se para quem.

Nessa conversa telefónica com o líder do Colégio Arbitral, Edin Sehic, antes de desligar o telefone, fizera um pedido:

— Presidente, eu sei como estas coisas são. Daqui a nada vai cair na praça pública que vou ser eu o árbitro do jogo, e não vou ter sossego, nem eu, nem a minha família. Hoje ainda é quarta-feira e queria que me autorizasse a desaparecer até sábado. Depois, nesse dia, junto-me ao resto da equipa de arbitragem e fazemos a preparação teórica juntos.

O presidente dos árbitros estranhou o pedido e perguntou:

— E vais para onde e com quem?

O árbitro abriu-lhe o jogo:

— Os meus pais têm uma casa numa aldeia na zona montanhosa do país, num lugar ermo. Desde que tenha cuidado com os lobos, posso estar descansado. Não se preocupe que vejo os vídeos das equipas. Os jogadores, conheço até bem demais. Preparo-me devidamente. No sábado vou ter ao hotel que me indicar. Agora, é só pegar na minha mulher e no miúdo e meter-me no carro…

Haris Dedic pensou e não viu mal na proposta de Edin Sehic:

— *Ok*, mas cuida-te. Isto fica só entre nós. Agora não te ponhas a atender o telemóvel a toda a gente…

O árbitro agradeceu, desligou e foi direito à igreja, onde rezou e pediu proteção à Virgem. Depois, foi para casa, para dar a novidade à mulher. Sempre iam ter algum tempo juntos, embora os 90 minutos que o esperavam no domingo não lhe saíssem já da cabeça.

*

Elma, trinta e muitos que pareciam trinta e poucos, não gostava da profissão do marido, com quem casara dez anos antes. Ele parava pouco em casa, entre jogos nacionais e internacionais, ações de formação e estágios; e, embora ganhasse razoavelmente, não havia muito futuro no que fazia, mesmo

com a chegada do VAR, que trazia a vantagem de poder levar até mais tarde a carreira de um árbitro. Mas era sobretudo a exposição que a incomodava, a privacidade sempre devassada, umas vezes por uns, outras por outros, todos descontentes com as decisões e sempre prontos a pedir satisfações na praça pública. Passear num centro comercial com o marido podia ser um inferno, uma ida ao cinema podia ser complicada, e pouco jantavam fora, para evitar remoques antipáticos.

— Como podes estar numa profissão que faz com que ninguém goste de ti? — perguntava-lhe muitas vezes Elma, sem que Edin lhe desse resposta que a convencesse.

— É a minha vocação — gostava ele de devolver. — A emoção do jogo, o poder que transporto, a adrenalina na hora de decidir… são coisas que me fazem sentir vivo.

Para tornar este cenário conjugal ainda mais frágil, havia também, na verdade, a falta de alternativas profissionais que se apresentassem a Edin Sehic. Após concluir o liceu, entrou para uma companhia de seguros, na qual lhe permitiam flexibilidade de horários, o que lhe abriu caminho para progredir na arbitragem. Quando a questão da profissionalização dos árbitros se colocou, Edin já ganhava, na seguradora, dois mil e trezentos zvaris líquidos por mês e tinha perspetivas de ser promovido. Mas o apelo do apito foi mais forte e abraçou o profissionalismo. Nos primeiros tempos, Elma até gostou da mudança, porque o ordenado base, os prémios por jogo, os dinheiros da UEFA e ainda alguns trabalhos por fora nos campeonatos do golfo pérsico triplicavam o dinheiro que entrava em casa relativamente ao salário da companhia de seguros. E, embora Edin tivesse ausências prolongadas, a situação era suportável. O pior eram os jogos do campeonato nacional, especialmente os dos candidatos, que transformavam a vida dos árbitros num pesadelo sem fim, acusados à segunda-feira das maiores malfeitorias, muitas vezes por indivíduos que «não eram capazes de distinguir uma bola de futebol da traseira de um *Volkswagen*», como, desdenhoso, gostava de dizer.

À medida que a época se aproximava do fim, porém, e os jogos iam ficando mais escaldantes, o desencanto de Elma com o trabalho do marido ia subindo exponencialmente.

— Edin, pensa bem no que queres. Isto não é vida para ninguém, um dia destes farto-me e ficas a falar sozinho! — chegou a ameaçar Elma, para quem o papel de mãe e dona de casa, funções para as quais se viu remetida

quando, dois anos antes, falira a empresa de *catering* de que era sócia, começava a ser sufocante.

*

Quando Edin ligou a avisar de que iriam naquele mesmo dia para as montanhas e que por lá ficariam até sábado, Elma não se mostrou entusiasmada. Contudo, houve qualquer coisa na voz do marido que a levou a não complicar muito e a aceitar a mudança de ares. A casa tinha boas condições e os ares iam fazer bem a Miralem, o filho do casal, que estava quase a fazer três anos.

A estada não correu mal. Apesar de Edin ter dedicado muito tempo aos vídeos, que via incessantemente no computador, e a treinar duas horas todos os dias, ainda tiveram tempo para dar alguns mergulhos nas belíssimas lagoas serranas. E até foram almoçar e jantar fora sem que ninguém os importunasse. No sábado de manhã, já de regresso a Ultravejo, Elma fez um pedido ao marido:

— Edin, pensa em mudar de vida, há coisas que podes fazer na comunicação social, por exemplo; está a abrir-se mercado para os ex-árbitros, podes dar cursos de arbitragem no estrangeiro, ou podes, apenas, regressar à seguradora, onde deixaste bons amigos. Acho que te basta fazeres um telefonema ou dois. Estes dias de calma fizeram-me perceber como estamos a viver uma vida sem sentido, sempre escondidos, sempre fechados, como de devêssemos alguma coisa a alguém! Promete-me que vais pensar nisto. Estou quase capaz de to implorar!

Edin, cada vez mais nervoso à medida que o grande jogo se aproximava, não ouviu tudo o que a mulher lhe disse, mas foi simpático na resposta:

— Claro que sim, querida. Se é importante para ti, também o é para mim. A nossa família está acima de tudo. Vou pensar nisso.

*

Domingo, seis da tarde, o Estádio da Independência rebentava pelas costuras para um jogo que o Estrela, dono da casa, precisava de ganhar para se sagrar campeão. Um empate bastava ao Dínamo para chegar ao título.

Depois de uma época de cortar à faca entre estes dois emblemas, marcada por insultos, processos em tribunal e discussões intermináveis nos vários espaços televisivos, a *final* do Estádio da Independência era um verdadeiro barril de pólvora.

O ambiente bélico instalado levara a que a polícia de intervenção tivesse carregado sobre grupos de arruaceiros, que se confrontaram no exterior do estádio. No interior, a claque do Dínamo, confinada à caixa de segurança, era ainda protegida por um milhar de homens, entre agentes da autoridade e *stewards*.

Edin Sehic, apesar da experiência e da qualidade que tinha, ou não fosse ele árbitro internacional havia oito anos, passou o jogo inquieto, atento a tudo e a apoiar-se no VAR, numa arbitragem defensiva, a fugir às decisões polémicas.

Até que, com um a zero para o Estrela, o que significava que o título ia ficar em casa, se chegou ao fatídico minuto 89.

O ponta de lança do Dínamo adiantou a bola e, à entrada da área, foi rasteirado. Falta nítida, e Edin Sehic nem hesitou, apontando para fora da grande área. Imediatamente, viu-se rodeado por meia dúzia de jogadores do Dínamo, que lhe exigiam grande penalidade.

— Foi dentro, gritavam. — Não há dúvida nenhuma, é penálti! Não te cortes Edin, não te cortes…

Edin Sehic ficou à espera da comunicação dos auxiliares. Só ao fim de um minuto ouviu o que não queria.

— Não sou capaz de dizer se é dentro ou fora. — Foi a ajuda que lhe deram os seus colegas no estádio, os assistentes e quarto árbitro, deixando-o com a criança nos braços. Estranhou que o VAR se mantivesse em silêncio. Quando perguntou o que diziam as imagens, a resposta foi terrível:

— O que vemos não dá para ter a certeza de nada. Não há nenhuma câmara a apanhar o momento da falta com nitidez. O melhor é ires ver e decidir por ti, mas neste momento não te conseguimos ajudar.

Edin Sehic sentiu que o Universo começava a explodir. Fez o sinal com as mãos, o que pacificou, momentaneamente, os jogadores do Dínamo, e dirigiu-se ao monitor colocado junto da linha lateral.

O VAR tinha razão. Aquelas imagens não serviam para nada. Pelo que se via, ninguém podia jurar se tinha sido fora ou dentro. Mais a mais, uns aguaceiros que tinham caído na parte final do duelo haviam tornado as condições de visibilidade do ecrã mais precárias e, ao tentar limpar a água com as mãos, Edin ainda tinha distorcido mais a imagem. Assim, tinha de manter a decisão inicial de conceder livre direto e não grande penalidade. Logo que fez o gesto, o estádio, onde os adeptos do Estrela eram esmagadoramente maioritários, veio abaixo num grito de satisfação.

Do livre, marcado contra a barreira, nada resultou e, depois de cumpridos os seis minutos que deu de compensação, Edin Sehic apitou para o fim de um jogo que entregava o título ao Estrela.

No meio da festa de uns e do desalento de outros, de repente o árbitro viu-se rodeado pelos dirigentes e técnicos do Dínamo, que, de cabeça perdida, lhe chamavam tudo:

— Ladrão, roubaste-nos o campeonato! Quanto é que te pagaram, meu bandido! Devias era ir preso, corrupto! Andas a brincar com o nosso esforço, não tens vergonha?

Edin Sehic, assustado, ainda esboçou resposta, perguntando a que se referiam. Antes que a situação escalasse para outro tipo de violência, viu-se rodeado por elementos do corpo de intervenção, que escoltaram a equipa de arbitragem à cabina.

Naqueles segundos até ao túnel, o árbitro percebeu que os seus auxiliares estavam tão assustados quanto ele. Nada explicava tamanha fúria dos homens do Dínamo.

Mas o pior estava para chegar.

Já na cabina, a primeira coisa que Edin Sehic fez foi ligar a televisão. O que viu fê-lo ficar sem pinga de sangue. O árbitro cambaleou e acabou por sentar-se no chão, como se tivesse sido colhido por uma locomotiva a toda a velocidade. A televisão passava, insistentemente, a imagem do lance do minuto 89, uma imagem a que ele não tivera acesso. A imagem mostrava, de forma cristalina, que a infração fora cometida sobre o risco, logo dentro da grande área. Estava explicada a revolta de dirigentes e técnicos do Dínamo, que tinham tido, entretanto, acesso à imagem. Edin Sehic ligou o telemóvel e pressionou a tecla do seu colega Rade Piric, que tinha estado como VAR.

— Rade, o que se passa? Porque é que não tive acesso a estas imagens que estou a ver agora na televisão? — perguntou, ouvindo o próprio medo na sua voz.

O VAR, também destroçado, sussurrou-lhe:

— É pá, Edin, isto é uma desgraça! Só dois minutos após ter sido marcado o livre é que descobrimos uma imagem melhor, que era capaz de ajudar na decisão. Ainda disse à realização que não mandassem aquela imagem para o ar, mas estes tipos querem é sangue, disseram-me logo que não escondiam informação. O que vamos dizer agora às pessoas? Eu e tu sabemos que estamos a dizer a verdade, mas ninguém vai acreditar em nós…

Arrasado, Edin ligou ao presidente do Colégio Arbitral, Haris Dedic, e pediu-lhe ajuda:

— Presidente, já deve saber o que aconteceu. É preciso fazer um comunicado a explicar que só houve acesso àquelas imagens muito tempo depois de ter sido marcado o livre, e que a minha decisão, com os meios disponíveis, foi a única possível.

Haris Dedic, em pânico com as consequências que se adivinhavam para a arbitragem, não lhe disse que sim nem que não, ficou-se pelo *nim*:

— Ó Edin, eu compreendo-te, mas nesta altura é preciso ter calma. Quanto menos dissermos, melhor. Vamos ter tempo de explicar tudo tintim por tintim. Tens de ter paciência, os próximos dias não vão ser fáceis.

*

Edin Sehic chegou a casa sete horas após o jogo ter acabado, amargurado pelo que lhe tinha acontecido e temendo a reação da mulher. Será que ela tinha razão? Haveria realmente chegado a altura de deixar a arbitragem, ou de passar a fazer apenas o papel do VAR?

Elma já estava deitada, de luz apagada, a dormir ou a fazer que dormia. Edin dirigiu-se à sala e caiu no erro de ligar a televisão. Imediatamente deu com um painel de comentadores em que falava, espumando, um adepto do Dínamo:

— O mínimo que pode acontecer a esse árbitro é ir preso, que é o que se faz com os ladrões! Lanço daqui um repto às autoridades para investigarem a vida desse senhor Edin Sehic, e que lhe vasculhem as contas até encontrarem o dinheiro que recebeu para cometer o crime que todos vimos. E nem me passa pela cabeça que essa imunda criatura volte a meter um apito na boca, não serve nem para polícia sinaleiro do antigamente.

Lívido, Edin ligou de novo ao presidente do Colégio Arbitral, para saber quando é que divulgariam, afinal, o comunicado a explicar tudo. Tocou, tocou e tocou, até que passou para o *voicemail*. O desespero e a solidão do árbitro do jogo do título eram cada vez maiores. Foi deitar-se e não pregou olho...

*

No dia seguinte, Edin ouviu Elma levantar-se para pôr em marcha a rotina diária de levar Miralem ao infantário.

— Bom dia — disse à mulher, esperando, em vão, algum apoio. A resposta de Elma foi apenas um sumido «olá», ao mesmo tempo que se afastava. Edin resolveu insistir e, minutos depois, juntou-se à cara-metade e ao filho, que tomavam o pequeno-almoço na cozinha.

— Olha o papá — ouviu Miralem dizer, ao mesmo tempo que apontava para a televisão, onde uma fotografia do árbitro, que fazia a manchete de um dos jornais desportivos, era acompanhada do título ROUBO DO SÉCULO. Elma

apagou a televisão, enxugou as lágrimas e saiu de casa, com Miralem pela mão, sem dirigir palavra a Edin.

Ao sair do prédio, Elma reparou numa dúzia de pessoas que olhava para a fachada e comentava algo que ela não entendia. Andou uns metros, virou-se para trás, e leu, em letras a preto que contrastavam com o rosa-claro do edifício: AQUI MORA O LADRÃO DO EDIN SEHIC!

Foi como se o Mundo lhe tivesse caído em cima. Os limites que o marido sempre lhe garantira serem intransponíveis tinham sido ultrapassados, e Elma sentiu que, a partir daquele momento, a sua família estava vulnerável a todo o tipo de ataques. A tremer, dirigiu-se ao carro, que estacionara na praceta perto de casa. O que viu abalou-a ainda mais. A pintura estava riscada. Alguém escrevera no vidro do condutor: ÉS UM HOMEM MORTO.

Elma sentou Miralem na cadeira do banco traseiro, meteu-se na viatura e dirigiu-se ao infantário. Após deixar o filho, regressou a casa e, sem dizer palavra, passou por Edin e foi para o quarto. Quando o marido quis falar com ela, encontrou-a a meter em duas malas as coisas básicas dela própria e do filho. O árbitro ficou sem pingo de sangue, virou as costas e foi para a sala. Elma, antes de sair, disse a Edin, sem esperar pela resposta:

— Eu e o Miralem vamos para casa dos meus pais. Faz-nos o favor de não apareceres, nem telefonares. E nunca te esqueças de que foste tu que fizeste a cama onde te vais deitar. Eu avisei-te.

*

Passou uma semana sem que Edin soubesse de Elma e Miralem. Telefonou para a mulher, para os sogros, mas ninguém lhe atendeu a chamada. O presidente do Colégio Arbitral não o contactou, muito menos explicou publicamente a falha no sistema que tramara o árbitro e invertera o sentido do jogo do título, e Edin recusou as chamadas que alguns colegas de profissão lhe fizeram, tentando saber como se estava a aguentar. Até os telefonemas insistentes dos pais não atendeu. Havia algo naquele lugar onde estava, naquela solidão, entre os telefonemas que fazia sem que ninguém os atendesse, entre o telefonema que esperava e que não chegava, e ainda entre os telefonemas que lhe faziam e que ele dispensava, que o deixava meio perdido, sem saber o que realmente queria ou sentia. Não lhe apetecia ver ninguém, nem falar com quem quer que fosse. Foi esvaziando a despensa à medida que tinha fome, mas nunca se deu ao trabalho de ir ao supermercado. Depois de sete dias assim, o apartamento parecia uma zona de guerra.

Quando Elma, ao fim desse tempo, meteu, por fim, sem avisar, a chave à porta e entrou, teve um baque. Deu com Edin, na sala, com as janelas fechadas, de barba comprida e um cheiro a suor insuportável, e sentiu vontade de chorar. Mas tinha uma missão e ia cumpri-la. Sem dizer palavra deixou um envelope em cima da mesa do *hall* de entrada, virou-se e saiu sem dar também ao marido tempo para dizer o que quer que fosse.

Edin levantou-se, arrastou-se até ao *hall* e abriu o envelope. Os cabeçalhos das folhas tinham quatro letras, SASS, e o teor configurava o pior cenário:

«Exmo. senhor, na sequência do processo de divórcio encetado por Elma Sehic, e no sentido de tornar o processo tão expedito quanto possível, convidamo-lo a estar presente, acompanhado por representante legal, numa reunião que decorrerá nas nossas instalações, na próxima sexta-feira, às 17 horas.»

Edin deixou-se ficar em pé, com a carta na mão e o olhar perdido no nada, durante largos minutos. Depois, regressou ao sofá e fechou os olhos, à espera de acordar do pesadelo que vivia.

*

Na sexta-feira, Edin tomou, finalmente, um duche e fez a barba. Com um aspeto mais apresentável, escolheu um fato desportivo, que usava sem gravata, para ir à reunião na SASS. Deu-se ao luxo de tomar café na pastelaria do bairro e decidiu ir a pé até às instalações da firma de advogados, uma caminhada de duas horas que pensou ser capaz de o ajudar a desanuviar. O que ia dizer a Elma, já tinha, mais do que estudado, decorado. Basicamente, estava disposto a tudo para ter a mulher e o filho de volta. Se fosse preciso cortar com a arbitragem, fá-lo-ia; se Elma quisesse que ele voltasse à seguradora, seria esse o caminho. O único cenário que não admitia era o divórcio. Para mostrar a boa-fé com que ia à reunião, não levava advogado. O que tinha para dizer vinha do coração, não da lei.

Às cinco da tarde em ponto, apresentou a carta que recebera da SASS na receção da empresa e foi conduzido a uma sala, no décimo quinto andar, onde Elma e dois advogados já o aguardavam.

Cumprimentou a mulher com um aceno de cabeça e sentou-se. Um dos advogados, o mais velho, começou por dizer, em tom conciliador:

— Senhor Edin Sehic, sabe o que está em causa nesta reunião. A senhora Elma Sehic manifestou firme intenção de se divorciar, e estamos aqui para encontrar a forma mais expedita e menos dolorosa de levar por diante este processo. Vejo que veio sozinho. Tem alguma coisa a dizer, antes de passarmos a questões mais concretas?

O árbitro empertigou-se na cadeira, entrelaçou os dedos e, nervosamente, dirigiu-se à mulher:

— Elma, o que eu quero menos na vida é perder-te. Nada é mais importante do que a nossa família. Estou disposto a aceitar todas as condições que quiseres impor para termos uma nova oportunidade de fazer o casamento funcionar. Estás a ouvir? Basta dizeres o que queres e eu faço-o, sem pestanejar.

Os advogados trocaram olhares e esperaram que Elma tomasse a palavra. Quem falou foi alguém que Edin não reconhecia; aquela Elma, fria e distante, não era a pessoa com quem casara:

— Não estou aqui para conversar, nem para dar segundas oportunidades. Quero é despachar isto, esquecer os anos que perdi contigo e tocar a minha vida para a frente. Não estou para lamechices nem conversa fiada. Acabou.

Edin sentiu aquelas palavras como um soco no estômago e nem reagiu quando Elma se levantou e saiu do escritório, deixando o assunto para os advogados. Ela ainda ouviu, dissimuladamente e a caminho do elevador, um deles dizer a Edin que seria melhor resolver as coisas a bem, propondo-lhe nova reunião para a terça-feira seguinte, à mesma hora, e recomendando-lhe que encontrasse representação legal. Apressou-se a entrar no elevador e a desaparecer quando ouviu o advogado, também ele, levantar-se para sair depois dos avisos e pedidos feitos ao ainda marido.

Edin Sehic deixou-se ficar sentado mais algum tempo, sozinho na sala, contemplando a bela vista sobre a capital.

Depois, saiu e, em vez de apanhar o elevador para descer, abriu a porta da escada de serviço e subiu até ao décimo sexto piso, o último do prédio. Sem que ninguém se apercebesse, experimentou a porta que dava acesso à cobertura do prédio, ignorando a proibição de passagem. Fazendo força, não tanta quanto aquela que esperaria necessária, a porta abriu-se, e Edin subiu a escada íngreme que lhe surgiu à frente e que o levou até ao topo do arranha-céus. Ignorou outra proibição e abriu outra porta, desta vez ainda mais facilmente do que a anterior. Caminhou até ao parapeito, passou as pernas para fora e sentou-se a apreciar a vista sobre o centro da cidade. Os carros, lá em baixo, passavam, indiferentes, na avenida. E o mesmo faziam as pessoas, que dali lhe pareciam apenas pequenos pontos em movimento, todas iguais entre si. Nenhuma delas especialmente interessada nele. Pensou na mulher, no filho, nos pais. Confirmou com as mãos que tinha o rosto molhado pelas lágrimas, como se precisasse dessa última certeza a respeito do que sentia. Olhou para o céu, pediu perdão a Deus, e mergulhou no abismo.